

OBJETIVO

As obras da FUVEST

8

Romanceiro da
Inconfidência



CECÍLIA MEIRELES

ROMANCEIRO DA INCONFIDÊNCIA

1. BIOGRAFIA DA AUTORA

1901 – Cecília Meireles nasce no Rio de Janeiro, a 7 de novembro, filha de Carlos Alberto de Carvalho Meireles, que falecera três meses antes. Sua mãe, Matilde Benevides, morre quando a menina ainda estava com três anos. Passa a ser criada pela avó materna, Jacinta Garcia Benevides, açoriana que transferiu para a neta uma herança cultural portuguesa marcada tradicionalmente pela saudade, reforçada pela ausência que a criança sente dos pais. Outros fatores ocorridos na infância que comporão o repertório poético da autora serão o contato constante com a morte e as dificuldades econômicas. O resultado se materializará numa poesia marcada não só pela consciência da relação entre o efêmero e o eterno, mas também pelo desapego aos elementos terrenos, materiais. No entanto, desde cedo a menina afastou-se do pessimismo, buscando beleza e encantamento poético em

céus estrelados, tempestades, chuvas nas flores, frutas maduras, casas fechadas, estátuas, negros, aleijados, bichos, suínos, realejos, cores de tapete, bacia de anil, nervuras de tábuas, vidros de remédio, o limo dos tanques, a noite em cima das árvores, o mundo visto através de um prisma de lustre, o encontro com o eco, essa música matinal dos sabiás, largatixas (*sic*) pelos muros, enterros, borboletas, o carnaval, retratos de álbum, o uivo dos cães, o cheiro do doce de goiaba, todos os tipos populares, a pajem que me contava com a maior convicção histórias do Saci e da Mula-sem-cabeça (que ela conhecia pessoalmente); minha avó que me cantava rimances e me ensinava parlendas...

Minha infância de menina sozinha deu-me duas coisas que parecem negativas, e foram sempre positivas para mim: silêncio e solidão. Essa foi sempre a área da minha vida. Área mágica, onde os caleidoscópios

inventaram fabulosos mundos geométricos, onde os relógios revelaram o segredo do seu mecanismo, e as bonecas o jogo do seu olhar.¹

1910 – Termina o curso primário na Escola Estácio de Sá. O inspetor escolar do distrito em que estava instalado o colégio era Olavo Bilac, de quem a jovem recebe uma medalha de ouro por ter concluído o estágio educacional com “distinção e louvor”. Seu bom desempenho deve-se, provavelmente, à paixão que desenvolveu pela leitura, inclusive de textos literários. Certa vez chegou a confessar que sua ligação especial com a literatura se deu pela

visão da vida mais especificamente através da palavra – e isso, desde o princípio, desde as primeiras histórias ouvidas, das primeiras cantigas, dos primeiros brinquedos. Quando eu ainda não sabia ler, brincava com livros, e imaginava-os cheios de vozes, contando o mundo. Sempre me foi muito fácil compor cantigas para os brinquedos; e, desde a escola primária, fazia *versos* – o que não quer dizer que escrevesse *poesia*.²

1917 – Forma-se como professora na Escola Normal (Instituto de Educação). Além do magistério, dedica-se à aprendizagem de línguas, música e cultura oriental.

1919 – Publica seu primeiro livro de poesia, *Spectros*.

1921 – Casa-se com o pintor luso-brasileiro Fernando Correia Dias.

1930 – Envolve-se no espírito de renovação educacional que dominava o país na época. Dirige até 1934, no *Diário de Notícias*, uma página diária voltada à reforma na educação.

¹ MEIRELES, Cecília. “Notícia biográfica”. In: *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 81.

² *Ibid.*, p. 84.

1934 – Cria a Biblioteca Infantil, que passa a funcionar no Pavilhão Mourisco, em Botafogo, Rio de Janeiro. Primeira do gênero, que se espalhou pelo Brasil, foi, durante quatro anos, um centro promotor de realizações e eventos culturais. Nesse mesmo ano, convidada pelo Secretariado de Propaganda de Portugal, faz conferências em Lisboa e Porto para divulgação da literatura brasileira.

1935 – Falece seu marido, Fernando Correia Dias.

1938 – Publica *Viagem*, que conquista o prêmio de poesia da Academia Brasileira de Letras. No ano seguinte, o livro é editado em Lisboa.

1940 – Casa-se com o professor Heitor Vinícius da Silveira Grillo, fitopatologista. Nesse mesmo ano, leciona Literatura e Cultura Brasileira na Universidade do Texas, nos Estados Unidos. Parte também para o México para intercâmbio cultural, divulgando a literatura, o folclore e a educação do Brasil.

1942 – Passa a publicar, até 1944, no jornal *A Manhã*, estudos sobre folclore infantil.

1945 – Viagem a Ouro Preto, que inspirou a confecção de *Romanceiro da Inconfidência*.

1964 – Falece em 9 de novembro, no Rio de Janeiro.

1965 – A Academia Brasileira de Letras concede-lhe, *post-mortem*, o Prêmio Machado de Assis pelo conjunto da obra.

2. OBRAS

A) Poesia

Espectros (1919)

Nunca mais... e Poema dos poemas (1923)

Baladas para El-Rei (1925)

Viagem (1939)

Vaga música (1942)

Mar absoluto (1945)

Retrato natural (1949)

Amor em Leonoreta (1952)

Doze noturnos de Holanda e O aeronauta (1952)

Romanceiro da Inconfidência (1953)

Pequeno oratório de Santa Clara (1955)

Pistoia, cemitério militar brasileiro (1955)

Canções (1956)

Romance de Santa Cecília (1957)

A rosa (1957)

Metal rosicler (1960)

Poemas escritos na Índia (1962)

Antologia poética (1963)

Solombra (1963)

Ou isto ou aquilo (1965)

Crônica trovada da cidade de San Sebastian (1965)

Poemas italianos (1968)

B) Teatro

O menino atrasado (1966)

C) Ficção

Olhinhos de gato (s/d)

D) Prosa poética

Evocação lírica de Lisboa (1948)

Giroflê, Giroflá (1956)

Eternidade de Israel (1959)

E) Crônica

Escolha o seu sonho (1964)

Inéditos (1968)

3. CARACTERÍSTICAS DA AUTORA

Nos livros didáticos, Cecília Meireles é costumeiramente classificada como pertencente ao Segundo Tempo Modernista (1930-1945), mais especificamente à poesia espiritualista desse período. De fato, ela compartilha com essa vertente o abandono do radicalismo da fase heroica modernista, o que se realiza por meio da retomada de valores tradicionais da literatura. No entanto, a poeta apresenta uma dicção própria. Não se vê em sua obra, por exemplo, a utilização marcante do português coloquial brasileiro.

A poesia cecilianiana trilha caminho próprio. Um dos seus procedimentos mais relevantes é a adoção de musicalidade leve para expressar temática de tendência neossimbolista, como a efemeridade e a busca pelo transcendente. Sua literatura, portanto, marcada pela espiritualidade, pelo jogo entre o fugidio e o eterno, valoriza formas aéreas, vagas e desconectadas da realidade presente imediata. É por isso que alcança um fôlego universal, diferenciando-se, portanto, da noção convencional que se tem do Modernismo brasileiro, voltado para o contexto nacional.

4. ROMANCEIRO DA INCONFIDÊNCIA – CARACTERÍSTICAS GERAIS

Uma leitura apressada do *Romanceiro da Inconfidência* diria que Cecília Meireles traiu as suas diretrizes, pois essa obra não apresentaria um caráter universal, já que apresenta uma trama que se passa em um lugar específico (Minas Gerais) e em um tempo determinado (século XVIII). No entanto, não há quebra de fidelidade. A poeta utiliza esses eventos particulares para, no fundo, discorrer sobre seus já conhecidos temas, como o embate entre o efêmero e o eterno. Basta lembrar, de imediato, como esse fato histórico, alimentado por tantos sonhos, e que também os inspirou, ligado a uma grandiosidade impedida pela mediocridade, representa características que fazem parte da essência humana.

Para se entender o *Romanceiro da Inconfidência*, é necessário ter em mente a sua matéria histórica, ligada ao Ciclo da Mineração. À época, autoridades portuguesas inicialmente recolhiam um quinto do ouro extraído, mas depois adotaram um novo sistema de cobrança: a arrecadação de uma cota anual de 100 arrobas dessa riqueza. No entanto, o poder central, ignorando que o ouro não é um recurso renovável, não se viu satisfeito com a queda da captação, passando a desconfiar que o decréscimo se devia à corrupção – que de fato ocorria, e muito. A Coroa determinou então que, se a meta não fosse atingida, estaria autorizada a Derrama, que consistiria em exigir que a população completasse o índice, mesmo que fosse com o pagamento de imposto ou até mesmo apreensão de bens. Esse expediente chegou a ser usado uma vez, mas nas outras sempre sofreu um emaranhado de empecilhos que impossibilitaram sua realização, como a renegociação de dívidas que, no final, deixavam de ser pagas. E os mais beneficiados acabavam sendo os membros da elite mineira, mergulhados em fortes esquemas desonestos que lesavam o tesouro imperial. Basta lembrar, a título de exemplo, que dos quase dois milhões de mil-reis que Minas Gerais devia à Coroa, quase metade estava nas mãos de apenas dois homens: Joaquim Silvério dos Reis e Rodrigues de Macedo.

Entretanto, por volta de 1788, Portugal assume uma nova postura tributária, mais aguerrida, mostrando-se disposto até a fazer uma devassa rigorosa que prometia

atropelar privilégios, tudo para cobrar uma dívida que atingiu o patamar de 538 arrobas. Um clima de terror se instaura, principalmente entre os maiores devedores, membros da elite de Minas Gerais. É por isso que planejam uma insurreição, que seria detonada no instante em que a Derrama fosse efetivada. Contavam com o apoio da guarda local (Companhia dos Dragões), que também estava envolvida nos negócios escusos do grupo. Ganhando o apoio da população, estabeleceriam a independência com relação a Portugal. No entanto, o que os movia, no fundo, era o desejo de se livrar da cobrança da dívida.

A inspiração para esse levante vinha do contexto em que o mundo se encontrava à época. Da Europa vinham os ideais iluministas que defendiam a tão afamada liberdade. Alguns dos inconfidentes, como Tomás Antônio Gonzaga (magistrado) e Cláudio Manuel da Costa (advogado), homens de extrema cultura, tinham contato com essas ideias, o que revela os livros presentes em suas bibliotecas. Esses mesmos ideais, como é sabido, haviam atravessado o Oceano Atlântico e chegaram às treze colônias inglesas da América Norte, inspirando nelas a independência com relação à Inglaterra. Os inconfidentes, portanto, na clandestinidade,

Atrás de portas fechadas,
à luz de velas acesas,
brilham fardas e casacas,
junto com batinas pretas.
E há finas mãos pensativas,
entre galões, sedas, rendas,
e há grossas mãos vigorosas,
de unhas fortes, duras veias,
e há mãos de púlpito e altares,
de Evangelhos, cruzes, bênçãos.
Uns são reinóis, uns, mazombos;
e pensam de mil maneiras;
mas citam Vergílio e Horácio
e refletem, e argumentam,
falam de minas e impostos,
de lavras e de fazendas,
de ministros e rainhas
e das colônias inglesas.³

³ MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência*. In: *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 526-527.

No excerto acima, o planejamento clandestino da Inconfidência é mencionado nos dois primeiros versos (“Atrás de portas fechadas, / à luz de velas acesas”). Além disso, Cecília nos apresenta nele os diferentes setores que fizeram parte desse planejamento, como se percebe na referência a peças de vestuário ou outros elementos que lhe são características: batinas pretas representam o clero (padres José da Silva e Oliveira Rolim, Manuel Rodrigues da Costa, Carlos Correia de Toledo e Melo e o cônego Luís Vieira da Silva⁴); as fardas, o setor militar (o capitão José de Resende e Costa, o sargento-mor Luís Vaz de Toledo Pisa); as finas mãos pensativas, os pensadores, que eram poetas e representantes do Judiciário (Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga); “galões, sedas e rendas” os ricos, sejam eles contratadores ou proprietários (João Rodrigues de Macedo, Domingos de Abreu Vieira, Alvarenga Peixoto – que era também poeta – e Joaquim Silvério dos Reis); e as “grossas mãos vigorosas, / de unhas fortes, duras veias” provavelmente pertencem ao mais humilde do grupo, o alferes Joaquim José da Silva Xavier, mais conhecido como Tiradentes. A identificação da variedade do grupo também é notada pela menção a reinóis (cidadãos nascidos em Portugal, mas que se encontravam na colônia) e mazombos (cidadãos nascidos no Brasil).

Por sua vez, o verso “e pensam de mil maneiras” é uma alusão ao contexto de circulação de ideais instigado pelo Iluminismo. Contemporâneo a esse fato está o Arcadismo, que consiste na retomada da cultura clássica, o que se nota em “mas citam Vergílio e Horácio”. Ambos são poetas latinos. Este é o que criou os ideais seguidos pelos árcades. Aquele é autor de uma écloga, da qual os inconfidentes retiraram o lema que os caracterizou – e que será incorporado à bandeira atual de Minas Gerais. Trata-se de um diálogo entre Meliboeus e Tityrus:

M: “Et quæ tanta fuit Romam tibi causa videndi?”

T: “*Libertas, quæ sera tamen*, respexit inertem,

Candidior postquam tondenti barba cadebat,

Respexit tamen et longo post tempore venit.”⁵

⁴ É curioso notar que os membros do clero ocupavam-se no Brasil não apenas com questões religiosas. Estavam mergulhados também em questões financeiras, o que a sua filiação à Inconfidência Mineira atesta.

⁵ *Apud*: AULPERS, Paul. *A study of virgilian pastoral*. Califórnia: University of California Press, Berkeley and Los

Já a referência à Derrama está em “falam de minas e impostos, / de lavras e de fazendas, / de ministros e rainhas”. Por fim, o último verso, “e das colônias inglesas”, é uma alusão ao evento histórico que inspirou os inconfidentes: a independência dos Estados Unidos da América do Norte.

É interessante notar que Cecília Meireles, no *Romanceiro da Inconfidência*, relata os fatos históricos de maneira fiel. Essa fidedignidade, no entanto, não a impede de dar a esses eventos um tratamento poético. É o que se percebe, por exemplo, no trecho acima, por meio do emprego da metonímia, em que a parte (batina, farda) representa o todo (padre, militar). Mas a matéria literária se dá também em tantas outras frentes. Inicialmente, a poeticidade da obra está na regularidade de boa parte de seus versos, muitos deles redondilhos. A elaboração estética da linguagem encontra-se também na forma empregada pela poeta para discorrer sobre a Inconfidência Mineira: o romance, poema narrativo que remonta à tradição medieval portuguesa.

Por fim, vale lembrar que *O Romanceiro da Inconfidência*, além de apresentar tanto uma matéria histórica quanto uma literária, possui também uma abordagem lírico-reflexiva, presente principalmente nas “falas”⁶ (mas também no corpo de vários romances), em que o eu lírico expressa suas emoções e opiniões em relação aos fatos narrados. Exemplo é a “Fala aos pusilânimes”, da qual extraímos o seguinte trecho:

*Escrevestes cartas anônimas,
apontastes vossos amigos,
irmãos, compadres, pais e filhos...
Queimastes papéis enterrastes
o ouro sonogado, fugistes
para longe, com falsos nomes,*

Angeles, 1979, p. 79 (grifos nossos). A tradução livre para o português seria: “M: E o que fez você querer vir para Roma? / T: Liberdade, ainda que tarde, olhada gentilmente nesta espreguiçadeira / Após minha barba crescer e embranquecer tanto para não ser mais cortada; / Por fim, olhada gentilmente, ainda que vinda muito atrasada.”

⁶ É válido notar que as falas se diferenciam dos romances, não só pela mudança do tipo de letra, do caráter tipográfico. Estes apresentam a narração dos eventos ligados à Inconfidência Mineira; aquelas veiculam os pensamentos e sentimentos do eu lírico.

*e a vossa glória, nesta vida,
foi só morrerdes escondidos
podres de pavor e remorsos!*

*Vistes caídos os que matastes,
em vis masmorras, forcas, degredos,
indicados por vosso punho,
por vossa língua peçonhenta,
por vossa letra delatora...
– só por serdes os pusilânimes,
os da pusilânime estirpe,
que atravessa a história do mundo
em todas as datas e raças,
como veia de sangue impuro
queimando as puras primaveras,
enfraquecendo o sonho humano
quando as auroras desabrocham!*

*Mas homens novos, multiplicados
de hereditárias, mudas revoltas,
bradam a todas as potências
contra os vossos míseros ossos,
para que fiqueis sempre estéreis,
afundados no mar de chumbo
da pavorosa inexistência.
E vós mesmos o quereríeis,
ó inevitáveis criminosos,
para que, odiados ou malditos,
pudésseis ter esquecimento...⁷*

Nesse excerto, o eu poemático ataca os pusilânimes, aqueles que têm fraqueza de caráter. De maneira imediata, os versos referem-se a Joaquim Silvério dos Reis, que delatou a insurreição que estava sendo preparada⁸. Mas o

⁷ Ibid., p. 568-569.

⁸ Na verdade, Luís António Furtado de Castro do Rio de Mendonça e Faro, visconde de Barbacena, a autoridade que tinha sido enviada de Portugal para ser o novo governador de Minas Gerais e fazer a devassa nas dívidas ao tesouro real, já havia desistido de fazer a Derrama, o que esvaziou o movimento rebelde. Prova disso é a declaração, atribuída a Tomás Antônio Gonzaga, de que os inconfidentes haviam perdido o gatilho, o estopim para a revolta. Ainda assim, a dívida continuava a incomodar a elite mineira. Curiosamente, Joaquim Silvério dos Reis tinha sido solicitado para comparecer diante do mandatário português. O motivo da convocação era para acertar seus débitos (que eram volumosos), mas acabou delatando a

discurso alcança também um fôlego universal (processo comum na obra), na medida em que se configura em um ataque aos covardes e mesquinhos, que, por causa de sua tibieza ética, acabam prejudicando a humanidade, atrapalhando-a de alçar voo para a grandiosidade.

5. ROMANCEIRO DA INCONFIDÊNCIA – RESUMO

O *Romanceiro da Inconfidência* está dividido em cinco partes. A primeira (da “Fala inicial” ao Romance XXI) encarrega-se de apresentar o contexto preliminar da Conjuração. Nela temos a “Fala Inicial”, que funciona como uma proposição, anunciando não só o tema, mas também o clima lírico que marcará a obra:

*Não posso mover meus passos,
por esse atroz labirinto
de esquecimento e cegueira
em que amores e ódios vão:
– pois sinto bater os sinos,
percebo o roçar das rezas,
vejo o arrepio da morte,
à voz da condenação;
– avisto a negra masmorra
e a sombra do carcereiro
que transita sobre angústias,
com chaves no coração;
– descubro as altas madeiras
do excessivo cadafalso
e, por muros e janelas,
o pasmo da multidão.⁹*

Logo após vem “Cenário”, em que o eu poemático descreve o ambiente em que se deu a narrativa. É lá que, de maneira feérica, o eu lírico avista Tiradentes:

*Mas, nos campos sem fim que o sonho corta,
vejo uma forma no ar subir serena:
vaga forma, do tempo desprendida.*

insurreição (autoabortada), o que surpreendeu o mandatário, dando início às investigações que levaram à condenação dos conjuradores.

⁹ Ibid., p. 479.

É a mão do Alferes, que de longe acena.

Eloqüência da simples despedida:

“Adeus! que trabalhar vou para todos!...”

(Esse adeus estremece a minha vida.)¹⁰

Após esses momentos, que funcionam como uma proposição da obra, reconstitui-se a formação das Minas Gerais, desde a descoberta de minérios, que atrairá a ação humana movida pela cobiça e destruição da natureza. Estabelecido o povoamento, Cecília Meireles apresenta as histórias que marcarão o repertório cultural da região, todas marcadas pela riqueza a arrasar sonhos e dignidades. É o que se vê, por exemplo, no “Romance IV ou da Donzela Assassinada”, morta pelo pai por causa do simples crime de acenar um lenço a um rapaz cuja condição social (e econômica) não agradava o progenitor. Há também o “Romance V ou da Destruição de Ouro Podre”, que trata de uma insurreição liderada por Filipe dos Santos¹¹ e que, de certa forma, não só prenuncia a Inconfidência Mineira, mas também revela o clima de animosidade que se estava gerando entre Minas Gerais e a Metrópole.

A sanha por ouro trará mais problemas. No “Romance XI ou do Punhal e da Flor”, vemos o desentendimento provocado pelo Ouvidor Bacelar, agente régio enviado por Portugal para se confrontar com a elite mineira. Imbuído dos ideais do Iluminismo, não respeita o ambiente sagrado em que se celebrava a missa e corteja uma moça de uma importante família local. O primo dela, Felisberto Caldeira Brant, resolve tomar satisfações, mas só não consegue ferir o ousado porque o botão da casaca impediu que o punhal se cravasse. O enunciador do poema tece vários comentários condenatórios, primeiro contra a hipocrisia religiosa (“Vede a mão que há pouco estive /

¹⁰ Ibid., p. 484.

¹¹ Também conhecida como “Revolta de Vila Rica” ou “Sedição de Vila Rica”. Ocorrida em 1720, teve como motivo inicial a queixa de moradores de Vila Rica, atual Ouro Preto, contra as casas de fundição, mas acabou assumindo feições nativistas. O movimento se fortalece, encurralando a autoridade local, o Conde de Assumar, que declara ceder às reivindicações dos revoltosos. Na verdade, ele só queria insidiosamente ganhar tempo, o suficiente para que reforços chegassem. Traiçoeiramente sufoca a insurreição, incendiando as casas dos rebeldes. O fogo se alastrou pela região hoje conhecida como Ouro Queimado.

contrita, diante do altar!”¹²), já que as mesmas pessoas que se dedicavam a um culto religioso passavam agora a brigar. Condena também o clima de guerra por algo aparentemente banal (“Subir um punhal nos ares, / por ter descido uma flor!”¹³). Na verdade, toda essa confusão é sintomática da atmosfera negativa que se estava instalando entre os reinóis (portugueses) e os mazombos (brasileiros, filhos de portugueses).

Há espaço também para a lenda de Chico Rei, figura folclórica que marcou o Ciclo da Mineração, do qual não se pode excluir o trabalho dos africanos escravizados (e que o *Romanceiro da Inconfidência* faz questão de mostrar). Trata-se de um suposto monarca que foi preso e escravizado na África e mandado ao Brasil. Ainda assim, não havia perdido a magnanimidade. Graças ao ouro, conseguiu sua liberdade, comprando a partir de então a de alguns de seus súditos¹⁴.

Faz parte ainda desse repertório cultural a narrativa sobre Chica da Silva, a negra que havia conquistado o coração do Contratador¹⁵ Fernandes, assumindo em Diamantina um prestígio que muitos brancos não possuíam. Muito de sua posição privilegiada era garantida pela riqueza do companheiro, que chegou a chamar a atenção de autoridades portuguesas, o que motivou a vinda do Conde de Valadares. Este, dominado pela cobiça, aproveita-se da hospitalidade do contratador para, ganhando-lhe a confiança (apesar das cismas e advertências de Chica da Silva), obter riquezas. No fim, o golpe é efetivado – o conde está abonado e ainda leva traiçoeiramente o contratador para as autoridades portuguesas.

A segunda parte, que vai dos romances XX a XLVII, dedica-se a narrar da preparação da Inconfidência Mineira. É o momento em que se acompanham a conspiração e a circulação de ideais iluministas, principalmente os ligados à liberdade. É o que se vê, por exemplo, no “Romance XXIV ou da Bandeira da Inconfidência”, cujo trecho foi analisado acima (“Atrás de portas fechadas, / à luz de velas acesas, [...]).

¹² Ibid., p. 501.

¹³ Ibid., p. 501.

¹⁴ Há outra versão para esse final: Chico Rei teria sido um liberto que se tornara proprietário de diversos escravizados.

¹⁵ No Brasil colonial, contratador era aquele que recebia de Portugal o direito de explorar uma riqueza mineral.

Nesse momento do *Romanceiro da Inconfidência*, chama a atenção a figura de Tiradentes, que começa a emergir como uma mistura de mártir e mito. Torna-se aquele que “[f]oi trabalhar para todos”¹⁶, saindo quixotesicamente por Minas Gerais para divulgar os ideais de liberdade e independência, movido por um grande sonho¹⁷.

A terceira parte, que vai do romance XLVIII ao LXIV, é o relato do resultado da delação do movimento, provocada principalmente por Joaquim Silvério dos Reis, o grande pusilânime a quem o eu lírico de *Romanceiro da Inconfidência* se refere de maneira amarga. É a fase em que se trata das prisões e condenações. Inicialmente, temos o encarceramento do poeta e advogado Cláudio Manuel da Costa, que, após responder ao primeiro interrogatório, apareceu enforcado na prisão.¹⁸ É também o momento em que se fala da busca, prisão, condenação e enforcamento de Tiradentes. Marcante, sobre esse episódio, é o “Romance LIII ou das Palavras Aéreas”, que trata do clímax do evento (o enforcamento), poeticamente associando-o ao poder das palavras e ideias, ou seja, dos ideais iluministas, que geraram todo o contexto em que está mergulhada a Inconfidência Mineira e as suas consequências:

Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Ai, palavras, ai, palavras,

¹⁶ Ibid., p. 585.

¹⁷ Há abordagens históricas que apontam que Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, não era movido unicamente por altruísmo. Enxergava no movimento a chance de finalmente obter ascensão social, que lhe fora constantemente negada no decorrer da vida. Além disso, tais estudos permitem inferir que essa figura foi usada como uma marionete pelos demais conspiradores, pois, como dentista (daí o apelido), seria um divulgador que poderia circular por várias residências sem levantar suspeitas.

¹⁸ Esse é um dos episódios mais nebulosos da Inconfidência Mineira. Cláudio Manuel da Costa respondera a um interrogatório que não seguira os procedimentos legais, pois não contava com a presença das devidas autoridades jurídicas necessárias. Além disso, o médico que teve o primeiro contato com o morto atestou assassinato, mas seu laudo estranhamente se extraviara, sendo substituído por outro, que atestava suicídio. No entanto, celebrou-se missa para a morte do poeta – deve-se lembrar que a Igreja Católica não dedica rituais fúnebres a quem dá fim à própria vida.. Suspeita-se então que a sua morte teria sido conveniente para figuras importantes da elite mineira, que não queriam ver-se incriminadas.

sois de vento, ides no vento,
no vento que não retorna,
e, em tão rápida existência,
tudo se forma e transforma!

Sois de vento, ides no vento,
e quedais, com sorte nova!

Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Todo o sentido da vida
principia à vossa porta;
o mel do amor cristaliza
seu perfume em vossa rosa;
sois o sonho e sois a audácia,
calúnia, fúria, derrota...

A liberdade das almas,
ai! com letras se elabora...
E dos venenos humanos
sois a mais fina retorta:
frágil, frágil como o vidro
e mais que o aço poderosa!
Reis, impérios, povos, tempos,
pelo vosso impulso rodam...

Detrás de grossas paredes,
de leve, quem vos desfolha?
Pareceis de tênue seda,
sem peso de ação nem de hora...
– e estais no bico das penas,
– e estais na tinta que as molha,
– e estais nas mãos dos juízes,
– e sois o ferro que arrocha,
– e sois barco para o exílio,
– e sois Moçambique e Angola!

Ai, palavras, ai, palavras,
feis pela estrada afora,
erguendo asas muito incertas,
entre verdade e galhofa,
desejos do tempo inquieto,
promessas que o mundo sopra..
Ai, palavras, ai, palavras,
mirai-vos: que sois, agora?

– Acusações, sentinelas;
bacamarte, algema, escolta;
– o olho ardente da perfídia,
a velar, na noite morta;
– a umidade dos presídios,
– a solidão pavorosa;
– duro ferro de perguntas,
com sangue em cada resposta;
– e a sentença que caminha,
– e a esperança que não volta,
– e o coração que vacila,
– e o castigo que galopa...

Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Perdão, podíeis ter sido!
– sois madeira que se corta,
– sois vinte degraus de escada,
– sois um pedaço de corda...
– sois povo pelas janelas,
cortejo, bandeiras, tropa...

Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Éreis um sopro na aragem...
– sois um homem que se enforca!¹⁹

A quarta parte, que vai do romance LXV ao LXXX, centra-se em outras condenações. A primeira é a do desembargador e poeta árcade Tomás Antônio Gonzaga, autor de *Marília de Dirceu*. Condenado ao degredo, vê-se castigado não só por se afastar da pátria, mas também por se separar da amada, Doroteia Seixas, a pastora Marília. Todavia, a punição acabou se transformando em

¹⁹ Ibid., p. 575-577.

algo que era muito comum na política colonial portuguesa: a queda para cima. Em Moçambique, o exilado conheceu Juliana Mascarenhas, filha de um riquíssimo comerciante de escravizados. Casa-se com ela, o que prova mais uma vez uma das teses de Cecília Meireles: a efemeridade – até o amor, como o tão celebrado de Dirceu por Marília, se acaba, sendo rapidamente substituído e esquecido.

Outro condenado que aparece é Alvarenga Peixoto. Além do degredo, vê sua vida mergulhada em infortúnios, como a morte de sua filha e a de sua esposa tão amada, Bárbara Heliadora, que já fora tema de sua poesia.

A quinta e última parte é dedica ao contexto pós-Inconfidência Mineira. Vemos o sofrimento de Doroteia Seixas, já bastante idosa e solitária, dona de um amor que não é mais correspondido, já que seu noivo há muito se tornara feliz com outra mulher em outra terra. Vemos também o tormento da rainha D. Maria, vinte anos depois, no Rio de Janeiro²⁰, justamente o mesmo ambiente em que padecera os inconfidentes que ela condenara. Por fim, antes do desfecho da obra, com o “Romance LXXXV ou do Testamento de Marília” e a “Fala as Inconfidentes Mortos”, aparece o memorável “Romance LXXXIV ou dos Cavalos da Inconfidência”, em que o eu poemático, de maneira poética e um tanto sociológica, fala da participação dos cavalos em vários momentos da Conjuração Mineira. E, como de se esperar na visão existencial da poeta, todos eles agora estão mortos, desaparecidos.

²⁰ Deve-se lembrar que em 1808 a família real chegara ao Brasil, fugindo das tropas napoleônicas que haviam invadido Portugal.

□ Exercícios

Texto para a questão 1.

“Toda vez que um justo grita,
um carrasco o vem calar;
quem não presta fica vivo;
quem é bom, mandam matar.”

(Cecília Meireles, *Romanceiro da Inconfidência*)

1. (UFOP – adaptado) – Assinale a alternativa **incorreta**.
- A fala é apresentada como símbolo do exercício de liberdade.
 - O discurso é visto como um instrumento para a luta política.
 - O condenado era proibido de falar para não atrapalhar a execução.
 - A condenação se dá como forma de bloqueio de difusão de ideias.
 - O papel da fala é o de conscientizar as pessoas por meio do debate.

Texto para a questão 2.

“CENÁRIO

Eis a estrada, eis a ponte, eis a montanha
Sobre a qual se recorta a igreja branca.
Eis o cavalo sobre a verde encosta.
Eis a solteira, o pátio, e a mesma porta.
E a direção do olhar. E o espaço antigo
para a forma do gesto e o vestido.
E o lugar da esperança. E a fonte. E a sombra.
E a voz que já não fala e se prolonga.
E eis a névoa que chega, envolve as ruas,
move a ilusão de tempos e figuras.
A névoa que se adensa e vai formando
nublados reinos de saudade e pranto.”

(*Romanceiro da Inconfidência*)

2. (UFOP – adaptado) – O poema exemplifica uma técnica poética central do *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles. Assinale-a.
- Descrição minuciosa da atmosfera de lugares e cenas em oposição ao lirismo dos fatos narrados.
 - Ficcionalização de personagens históricas que convivem com outras de natureza irreal.
 - Transfiguração de dados histórico-sociais em elementos de caráter fantasioso e ficcional.

- Uso da métrica, rima, ritmo, melodia e estrofação como centro do trabalho poético.
- Visão de fatos e processos por meio da enumeração de elementos de natureza metonímica.

Texto para a questão 3.

“Pareceis de tênue seda,
sem peso de ação nem de hora...
– e estais no bico das penas,
– e estais na tinta que as molha,
– e estais nas mãos dos juízes,
– e sois o ferro que arrocha,
– e sois o barco para o exílio,
– e sois Moçambique e Angola!”

(“Romance III ou das Palavras Aéreas”)

3. (UFES – adaptado) – Cecília Meireles, nesse trecho de uma composição inserida no *Romanceiro da Inconfidência*, dirige-se às palavras através de
- processo anafórico / catacrese / versos isométricos.
 - processo metafórico / antonomásia / versos heterométricos.
 - processo anafórico / metonímia / versos isométricos.
 - processo metafórico / alegoria / versos heterométricos.
 - processo anafórico / símbolo / versos isométricos.

Texto para as questões de 4 a 6.

A dois séculos de distância, o espetáculo ainda é assombroso (...) Que de tão longe uma Rainha enlouqueça e venha a morrer no cenário final do drama; que os sonhos dos Inconfidentes se cumpram depois de tantas sentenças; e que o Brasil se torne independente dali a 31 anos, e a República seja proclamada exatamente ao cumprir-se um século sobre aquelas prisões – tudo parece impregnado de um mistério claro, desejoso de revelar-se e de se fazer compreender.

(Cecília Meireles. “Como escrevi o *Romanceiro da Inconfidência*”, anexo a *Romanceiro da Inconfidência*. São Paulo: Global, 2012. p. 255)

4. (PUCCAMP) – É correto afirmar que a independência do Brasil realizou os *sonhos dos Inconfidentes*, como afirma Cecília Meireles, no que diz respeito

- a) à participação massiva do povo na luta política pela soberania do país, uma vez que a adesão popular não aconteceu a tempo, durante a Inconfidência, dado que o movimento foi desbaratado em seu início.
- b) ao combate à escravidão, perspectiva presente no movimento mineiro e que, logo após a independência, foi uma bandeira assumida como prioridade pela princesa Isabel.
- c) ao rompimento dos vínculos coloniais com Portugal, pondo fim ao ônus da pesada tributação imposta, que cerceava o desenvolvimento econômico nacional, bem como ao poder da coroa portuguesa em decidir os rumos do país.
- d) à instituição de um Estado soberano, independente, unificando toda a Nação sob a égide do governo da província de Minas Gerais, legitimado pelos símbolos pátrios consagrados, como a bandeira e o hino nacional.
- e) ao fim da situação de atraso no país, pois, com a abertura dos portos após a Independência, o comércio e as exportações sofreram grande impulso, atraindo, principalmente, investimentos ingleses.

5. (PUCCAMP – adaptado) – Tendo como centro *os sonhos dos Inconfidentes*, Cecília Meireles criou a obra-prima que é o *Romanceiro da Inconfidência*, poema

- a) composto em decassílabos, voltado para a exposição didática da ideologia dos seguidores de Tiradentes.
- b) em prosa, que se tornou exemplo máximo desse gênero literário, logo adotado por vários outros modernistas.
- c) épico, decalcado de *Os Lusíadas*, em que a autora demonstra grande familiaridade com a retórica clássica.
- d) em que se alternam o tom épico e o lírico, o modo reflexivo e o narrativo, tudo se sustentando numa grande variedade de ritmos.
- e) em que, mesmo buscando afastar-se dos fatos históricos, se entrevê aqui e ali alguma referência inequívoca à Conjuração mineira.

6. (PUCCAMP) – Referindo-se no texto à origem e à motivação do *Romanceiro da Inconfidência*, Cecília Meireles sugere que uma obra literária

- a) importa muito mais do que o fato histórico a partir do qual supostamente tenha sido gerada.
- b) pode nascer a partir da atualização de um fato cujo sentido fundamental não perde força na história de um país.
- c) impõe-se com mais força quando, rejeitando os valores do passado, propõe novos caminhos políticos para um país.

- d) tem como finalidade espelhar de modo bastante fiel os elementos essenciais da formação de uma sociedade.
- e) deve alicerçar-se na força da documentação histórica, sem a qual se arrisca a ser um exercício gratuito de imaginação.

7. A Inconfidência Mineira inspirou-se em ideais iluministas que estão associados à ascensão da burguesia, o que indica um certo grau de exaltação das propostas dessa classe social. Opondo-se a essa conjuntura, há obras que criticam esse ideário, como

- a) *Poemas escolhidos*, de Gregório de Matos, e *Nove noites*, de Bernardo Carvalho.
- b) *A relíquia*, de Eça de Queirós, e “Campo Geral”, de Guimarães Rosa.
- c) *Quincas Borba*, de Machado de Assis, e *Nove noites*, de Bernardo Carvalho.
- d) *Angústia*, de Graciliano Ramos, e *Mayombe*, de Pepetela.
- e) “Campo Geral”, de Guimarães Rosa, e *Claro enigma*, de Guimarães Rosa.

8. (UFPR – adaptado) – Sobre o livro *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles, considere as afirmativas a seguir:

1. Os documentos históricos legados à posteridade não esclarecem de fato certos episódios relacionados à Inconfidência Mineira. Em face dessa situação, Cecília Meireles optou por desprezar a fidelidade histórica e dedicar-se à abordagem lírico-poético-filosófica.
2. Coerente com sua proposta épica, a obra emprega tanto o verso longo, que imita o discurso político, quanto o decassílabo, que remonta à grandiosidade clássica.
3. Além das personagens diretamente envolvidas no movimento sedicioso do título, o poema também trata de outras, como Chica da Silva, que embora não estejam diretamente envolvidas, ajudam a compor o ambiente histórico do texto.
4. Tiradentes, o alferes que a história transformou em herói, é apresentado na obra como indivíduo ambíguo e de moral discutível, numa clara contraposição literária à imagem apresentada pelos historiadores mais conservadores.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente a afirmativa 1 é verdadeira.
- b) Somente a afirmativa 2 é verdadeira.
- c) Somente a afirmativa 3 é verdadeira.
- d) Somente as afirmativas 2, 3 e 4 são verdadeiras.
- e) Somente as afirmativas 3 e 4 são verdadeiras.

ROMANCEIRO DA INCONFIDÊNCIA

1) A proibição de discurso a que se refere o texto vincula-se ao cerceamento dos ideais que comprometiam o *status quo*.

Resposta: C

2) O *Romanceiro da Inconfidência* apresenta de maneira expressiva o trabalho poético com “métrica, rima, ritmo, melodia e estrofação”, mas esse não é o foco da elaboração literária de Cecília Meireles. A poeta faz com que sua obra, ao abordar um momento específico da História do Brasil, a *Inconfidência Mineira*, mantenha-se fiel aos fatos históricos, sem deixar de lado o tratamento estético da linguagem, como se percebe na enumeração de diversos elementos que compõem uma paisagem, forma metonímica (a parte no lugar do tudo) por meio da qual o eu lírico reconstitui o ambiente em que se deu a *Conjuração Mineira*.

Resposta: E

3) O trecho em estudo apresenta a anáfora, figura de linguagem que consiste no uso de uma mesma expressão no começo de vários versos: “e estais” e “e sois”. Exibe também a metonímia, que é a troca de uma palavra por outra, havendo entre elas uma relação de contiguidade: bico das penas, tinta que as molha e mãos de juízes substituem o ato de lavar uma sentença; ferro que arrocha está no lugar de prisão; barco para o exílio, Moçambique e Angola substituem o degredo. Por fim, os versos empregados são isométricos, ou seja, têm a mesma métrica: redondilha maior.

Resposta: C

4) A independência do Brasil fez com que nosso país, obviamente, não estivesse mais subordinado a Portugal, desobrigando-se de pagar impostos à antiga metrópole.

Erros das demais alternativas:

a) a independência do Brasil não contou com “participação massiva do povo”;

b) os inconfidentes não tinham como proposta a abolição da escravatura – no máximo, alguns defendiam a libertação apenas dos escravizados nascidos no Brasil; além disso, os ideais abolicionistas que culminaram na imagem da princesa Isabel como tutora são do Segundo Reinado e não de uma era imediatamente após a Independência;

d) havia inconfidentes que tinham como esperança a obtenção de apoio vindo de São Paulo e do Rio de Janeiro, o que chega a revelar um ideal de nação unificada; no entanto, o país que se estabeleceu anos depois, com a Independência, não ficou sob a égide de Minas Gerais;

e) a abertura dos portos brasileiros não ocorreu com a Independência (1822), mas com a chegada da família real (1808).

Resposta: C

5) *Romanceiro da Inconfidência* é uma amálgama da matéria histórica, literária, lírica e reflexiva. Além disso, Cecília Meireles exercera seus dotes neossimbolistas, imprimindo na obra uma musicalidade leve, em boa parte graças ao domínio da metrificação, o que faz com que o livro assumisse uma musicalidade leve.

Resposta: D

6) Cecília Meireles, como que justificando a escolha da *Inconfidência Mineira* como fonte para sua obra poética, permite perceber que essa insurreição, apesar de abortada, apresentou sonhos que seriam parcialmente concretizados com a Independência do Brasil (1822), parcialmente com a Proclamação da República (1889). Trata-se, portanto, de ideais que não perderam sua força durante a história do nosso país.

Resposta: B

7) Luís da Silva, narrador protagonista de *Angústia*, é um fracassado. Parte de sua derrocada se deve a uma desigualdade social que se baseia na opressão advinda dos que entende como os endinheirados, os privilegiados – representados na figura de Julião Tavares. Isso o faz veicular em sua narrativa traços do que poderia ser entendido como um despeito ligado a um clima de luta de classes. Há nesse romance, portanto, um ataque aos valores

burgueses. Esse confronto se dá também em *Mayombe*, pois seus personagens são guerrilheiros socialistas – e, obviamente, contrários à burguesia.
Resposta: D

8) A afirmação 1 é falsa, pois, ainda que haja fatos a respeito da *Inconfidência Mineira* sobre os quais paira uma indefinição, como os relacionados à morte de Cláudio Manuel da Costa, tais não foram capazes de inspirar em Cecília Meireles uma disposição de se afastar da fidelidade histórica durante a abordagem dessa conjuração. Já a afirmação 2 é falsa porque o relato que a poeta faz da *Conjuração Mineira* não se alimenta de formas poéticas da era clássica - mas medieval. Por fim, a afirmação 4 é falsa, pois, no *Romanceiro da Inconfidência*, Tiradentes é engrandecido ao ser apresentado como uma figura que oscila entre o mártir e o mito.

Resposta: C